

díocre “a obra do sr. Machado de Assis”. Fundada por Álvaro de Tefé, aparecia a *Revista da Semana*, como suplemento ilustrado do *Jornal do Brasil*. Tefé inaugurava, no Rio, os métodos fotoquímicos — o fotozinc e a fotogravura — preparado em curso que fizera na França, donde trouxera o material necessário. A 2 de abril, aparecia a edição vespertina do *Jornal do Brasil*, primeiro jornal em nosso país a tirar duas edições diárias, circulando a vespertina às 15 horas. A tiragem do jornal aumentava extraordinariamente com tais avanços técnicos. Atingia, então, a 50 000 exemplares, índice singular para a época, que a redação timbrava em lembrar ser “superior à de *La Prensa*, de Buenos Aires, que até o ano passado era o de maior tiragem na América do Sul”. É, aliás, o momento da visita de Campos Sales à Argentina. O período de passagem de um a outro século assinala o aparecimento de numerosos jornais, nas capitais e no interior⁽¹⁹²⁾.

Serpa Júnior, antigo gerente da *Cidade do Rio*, fundava *A Rua do Ouvidor*, em que estrearia Vivaldo Coaracy. Félix Pacheco observaria a nova geração de jornalistas que começava a despontar: “Houve os que fizeram carreira no jornalismo. Irineu Marinho, esguio e afanoso repórter de *A Notícia*, sempre apressado, mal se detendo à beira de uma roda para sorver, de corrida, um café, entre duas observações mordazes, fundou *A Noite* e, quando esta lhe foi roubada, criou *O Globo*. Paulo Barreto (*João do Rio*) foi essencialmente jornalista; os livros que deixou têm todos o caráter de reportagens. Belisário de Sousa, malgrado algumas incursões pela política, foi toda a sua vida homem de imprensa. Castro Menezes abandonou a poesia pelo jornal”. O fim do século era triste, morria Eça de Queiroz, desaparecia Ferreira de Araújo⁽¹⁹³⁾.

A República estava, realmente, consolidada, mas em suas exterioridades formais. Sob Campos Sales, com as finanças do país submetidas ao férreo guante de Joaquim Murinho, aprofundava-se a estagnação, sonegando transitoriamente os problemas; estagnação econômica, com o país

(192) No início do século XX, inundaram o Ceará, curiosamente, pasquins ridículos, obscenos, caricatos, “produções despudoradas e imorais”: *A Coisa*, com redação “na foz de dentro”; o *Ceará Nu*, que circulou a 16 de julho de 1901, dizendo-se “órgão da Fortaleza despida”; o *Nuzinho*, cuja edição, de 8 de outubro de 1902, a polícia destruiu; *A Coisa*, de Sobral, que se apresentava como “jornal sem vergonha, dirigido por uma malta de safados”, e que circulou também em 1902.

(193) José Ferreira de Araújo (1847-1900) nasceu no Rio de Janeiro, formou-se em medicina, em 1867, mas preferiu o jornalismo, em que se destacou com a *Gazeta de Notícias*, de que fez, o melhor jornal brasileiro da época, com excelente colaboração, inclusive de escritores estrangeiros. Diretor de jornal, mas com agudo senso jornalístico, era também escritor correto e sagaz, nos comentários, crônicas, crítica teatral e impressões de viagens. Seu jornal participou de grandes campanhas, como a da Abolição, a da grande naturalização, a da liberdade religiosa.